

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## Aqui, Lisboa!

Sai este número de O GAIATO no último dia do ano. Pela nossa parte desejaríamos que ele reflectisse, sem rodeios, o nosso empenhamento em continuar firmes na defesa dos direitos mais elementares dos homens, em peculiar dos mais atingidos pela violência das injustiças, dos esquecimentos, dos egoísmos e dos desregramentos morais. A tristeza que nos invade de não nos podermos debruçar sobre todas as desgraças e de não termos, quiçá, actuado como seria necessário, jamais poderão ser motivo de desfalecimento. Empenhados que estamos nesta luta insana, temos de tirar dos próprios erros ou omissões as lições salutares que possam

comportar; em efectiva e sempre dinâmica revisão, vamos continuar, procurando corresponder seriamente ao que Deus e os Homens esperam de nós.

A vida numa Casa como a nossa é um mistério. Desde a sua subsistência, que afinal é o menos difícil, até ao dia-a-dia dos mais variados sectores e do comportamento social das pessoas, tudo nos espanta e transcende. Humanamente falando não é possível encontrar relação entre causa e efeito; tudo nos transcende e ultrapassa e a cada um de nós só resta «provocar» humildemente a Providência.

Não conseguimos acabar ainda este ano as duas residências que completam o plano

da Aldeia; em 1978, porém, no trigésimo ano desta Casa do Gaiato, ficarão ao serviço dos Rapazes, permitindo então que nos debrucemos sobre outros aspectos, como o das instalações adequadas ao funcionamento das actividades recreativas, culturais e desportivas e, bem assim, a instalação duma lavandaria capaz. Com perseverança iremos vencendo as sucessivas batalhas previstas em ordem ao bem-estar da Comunidade e da sua formação.

Agradecemos a Deus e aos Homens que nos ajudaram; pedimos perdão das nossas fraquezas ou omissões e vamos continuar o nosso trabalho, procurando fazer alguma coisa de útil, embora apagadamente. Aos que sabem muito e falam ex-cathedra, mas não realizam, que lhes fique a glória das suas obras.

Em nome da Comunidade vão os votos de um 1978 cheio de felicidade.

Padre Luiz



Miranda do Corvo: o mini-tractor presta bons serviços e é a alegria da Comunidade

### Em expedição

## O 2.º volume do livro

## «DOCTRINA»

Estamos a despachar pelos CTT o segundo volume do livro DOCTRINA, de Pai Américo, ou seja a prenda natalícia para os assinantes da nossa Editorial.

Como são mais de 4.000 assinantes, não poderemos servir todos ao mesmo tempo. Mas a todos chegará a sua vez.

Este volume reúne mais uma boa quantidade de textos de Pai Américo, publicados em O GAIATO. São notas riquíssimas de conteúdo e que, vinte ou mais anos depois, permanecem actualíssimas, pujantes de Vida. No rosto do livro, como que legendando o título, Pai Américo diz o motivo: «Esta Doutrina não é minha — é do Pai Celestes».

São crónicas do dia-a-dia. São factos, figuras, acontecimentos donde Pai Américo extrai doutrina para os homens de boa vontade. Tanto que a gente pega na primeira página e lê a obra até ao fim, num trago!

Se nos for possível, nesta edição de O GAIATO incluiremos um postal RSF a fim de motivarmos os leitores — ainda não inscritos em nossa Editorial — para esta e outras obras de Pai Américo. Não é difícil. É só preencher o dito postal, como desejamos, e depositá-lo no marco do correio. O resto é conosco. Ficamos às vossas ordens.

Júlio Mendes

## TRIBUNA DE COIMBRA

● Regressávamos a Casa ao fechar da noite. Na estrada, no meio da povoação, vinham dois homens muito agarrados um ao outro, muito cambaleantes. Bêbados como um cacho. Ainda conseguimos ouvir um grito de alegria que lhe safu da alma: «Viv'ó país sem governo». A taberna tinha as portas abertas. O vinho está a custar os olhos da cara, mas... vai alegrando o coração dos homens. Dá ânimo para gritar: «Viv'ó país sem governo».

Sempre que encontramos pessoas dominadas pelo álcool ficamos com a alma a sangrar. Esta nossa família das Casas do Gaiato está tão marcada

pelo alcoolismo!... Vinhamos a sangrar e encontrámos dois nossos fugitivos. Têm 16 anos. É a quarta vez que fogem. «Vamos passar o fim de semana fora» — dizem eles. Ontem, à noite, uma patrulha da G. N. R. encontrou-os e veio trazê-los. Vinham tão sujeitos! Vinham tão esfomeados! Ajudeiq-os a tomar banho e a vestir de lavado. Que havemos de fazer? Já experimentámos tantos meios! Mas cada vez há mais tabernas sempre cheias! Cada vez há mais casas de poucas vergonhas! Cada vez as casas de correcção têm menos condições de corrigir! Cada vez a liberdade de cada um

se torna mais libertinagem. Cada vez acho mais graça ao grito cantado dos dois bêbados abraçados: «Viv'ó país sem governo».

● A nossa equipa de correctores não tem tido horas! O Natal está mesmo a chegar e todos queremos neste dia de festa familiar inaugurar o salão de festas e de recreio. Já dá a impressão de bom acolhimento.

O ano passado foi o bar e a biblioteca. Este ano há-de ser o salão-recreio e a casa para casais. Há-de ser um dia de

Cont. na 3.ª pág.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Missa do Corvo

**EUCARISTIA PELA R.D.P.** — Quando das nossas Festas ficara combinado que seria transmitida, da capela da nossa Casa, a Eucaristia de Domingo. Foi assim que no dia 4 de Dezembro, às 11 horas, os portugueses em toda a Europa tiveram oportunidade de compartilhar connosco, com a simplicidade de uma família muito unida, numa prece comum, a nossa Missa.

Princípio do Advento. Renascer de nova vida na esperança dum renascimento de um Deus de Amor. Convide à fraternidade entre todos os homens.

Na nossa simplicidade de comunhão da Eucaristia, fomos uma prece e uma acusação no início desta época do Advento. Prece ao Pai para que todos os homens conheçam o Amor e a todos os homens que se amem e que nos amem. Pedimos que se abram os corações. E na sua expansão de Amor sejam atingidas todas as crianças a quem falta o calor duma família, que têm como Natal as lágrimas da sua condição indigente, quando Natal é Esperança e Alegria. Que sejam atingidos todos os doentes que, tendo direito a um digno leito, curtem sua dor em enxerga, putrefactas, esquecidos — na sua egonia. E que seja atingida também a Terceira Idade, menosprezada, que se interroga se hoje ainda pode haver Amor.

Acusámos. Acusámos a rotina e o estado de instalação na vida. Acusámos a ignorância, quantas vezes voluntária, dos problemas dos Irmãos pobres de carinho, conforto e reconhecimento das suas carências.

No entanto, lembrámos todos. Fizemos nossa esperança as profecias de Isaías e, como ele, temos a convicção de que um dia o leão comerá o mesmo pasto que o boi e que a criança poderá sem perigo brincar com a serpente.

Nesta aproximação do Natal de Jesus, que esta Eucaristia na Casa do Gaiato venha lembrar que todos são dignos do mesmo Natal.

Obrigado Amigos da R.D.P. por esta oportunidade de comunicação que nos destes. Obrigado por este momento de união a todos os portugueses que connosco quiseram estar unidos ao Senhor e a todos os Irmãos.

Amigos, é sempre vossa a nossa Casa.

**VISITA** — No 3.º Domingo do Advento veio até nós um grande grupo de amigos por iniciativa do grupo coral de Santa Cruz de Coimbra.

Com um sabor bem grande a Natal, não só pelas prendas que nos trouxeram, pois quase enchiam o nosso refeitório de embrulhos, nem mesmo pela farta merenda de mesas cheias mas que não podia dispensar, pelo sabor caseiro, o nosso vinho, azeitonas e pão, mas principalmente pelo ambiente alegre e fraterno pleno de comunicação, esta visita foi um hino de extraordinária vivência do Advento.

Com fados de Coimbra e Lisboa, alegres canções, poesia e anedotas e nem faltando ainda um alegre número de palhaços e ambiente para eles, este convívio primou pela alegria. Sen-

tia-se no ar uma palavra de ordem: Amemo-nos!

Tendo chegado às três horas da tarde o grupo só partiu à noitinha.

Muito nos ficou desta visita, não esquecendo a quantidade de embrulhos e a barriga cheia de coisas boas; ficou-nos na alma o sabor de uma amizade sã e desinteressada que muito nos toca.

Quem veio também foi cheio, ainda que tenham deixado as suas prendas... Pelo menos, nos carros, tiveram que levar alguns dos nossos estudantes que aproveitaram a boleia poupando assim o custo das viagens de comboio.

Vinde sempre amigos! É esta a amizade que todos devemos partilhar e faz sentir mais e melhor este tempo de Natal.

«Litas»

## Paço de Sousa

**INSTRUMENTOS MUSICAIS** — Pensamos já nas próximas Festas.

Os problemas não são poucos. Aliás, uns são da escola, outros das oficinas, etc. Vai ser difícil para o próximo ano!

Como tem sido sempre, quem acompanha as nossas Festas são músicos nossos amigos, que, com sacrifício, deixam a família em casa para nos virem remediar o problema.

A presença deles seria eventual se tivéssemos instrumentos capazes. Há muito quem os queira usar! E vontade não falta, podem crer.

Alguns de nós acompanhamos a Missa ao Domingo com os velinhos instrumentos que temos: uma bateria, que está em metade; os bombos furaram e as casas especializadas não aceitam reparar duas violas velinhas, de caixa, a precisarem de reforma.

Se conseguíssemos, todos juntos, arranjar alguma empresa ou conjunto que nos vendesse ou cedesse instrumentos mais ou menos em bom estado ou em segunda-mão, com a ajuda dos leitores, estou certo, resolveríamos o grande problema das nossas Festas.

Não sei o que vai ser este ano!

São precisas violas, bateria, etc. As coisas não estão nada baratas, e, como sabem, investimos agora uns contos largos na compra da nova máquina *offset*...

Precisamos da vossa ajuda!

Quem nos queira ajudar é só escrever para a Casa do Gaiato, em Paço de Sousa, e o fim a que a ajuda se destina. Obrigada.

**QUE NATAL?!** — Mais um Natal. Mais um Ano que finda.

As pessoas festejam, alegres, estas

festas — com futilidades... Digo assim porque não sabemos viver o Natal como devíamos, apesar de alguns de nós vivermos o Natal só na altura, porque nos restantes dias do ano a vida é a mesma.

Natal não implica só nascimento, mas crescimento e evolução para uma nova vida.

Em várias aldeias é costume queimar-se o ano velho com um boneco de roupa velha e fantasmagórico. Mas o certo é que só o boneco arde e não as nossas maliciosas ideias e acções.

Só quando tivermos um sentido claro de Natal poderemos dizer que festejamos o nosso Natal.

Para termos este sentido claro, não sou eu nem tu que o vamos descobrir, mas todos em colaboração com os que mais precisam de nós...

Agora sim, o meu Natal é mais feliz!

**BOAS FESTAS** — O nosso P.e Carlos continua por terras de África.

Para ele, assim como para todos os nossos padres e rapazes, em nome da Comunidade de Paço de Sousa queremos agradecer e retribuir as Boas Festas.

Oxalá que o nosso P.e Carlos haja passado um óptimo Natal na companhia de todos os rapazes de Malanje e o mesmo se diga do Ano Novo em Benguela.

**TEATRO** — Em 18 de Dezembro tivemos, cá em Casa, um grupo de jovens do grupo coral C. A. C. O., a partir das 16 horas e até tarde. Durante esse tempo o nosso salão de festas ficou ao seu dispor.

Estivemos presentes e aprendemos mais um pouco com eles no que respeita a teatro.

No fim do espectáculo houve distribuição de rebufados.

Oxalá não seja só desta vez que sejamos merecedores de futuras visitas.

**FESTAS NATALÍCIAS** — Já se efectuaram algumas, habituais nesta época.

Os mais novos, mai-lous «músicos-sem-música», arrancaram na OM para a fábrica CINCA.

A festa foi dedicada, em especial, aos filhos dos trabalhadores; daí terem escolhido os nossos mais pequenos.

A nossa primeira preocupação, quando chegámos, foi a de vermos se o palco era do nosso agrado. Estava melhor e maior que o ano passado.

A festa decorreu na melhor forma. No intervalo tivemos ocasião de apreciar o grupo coral da CINCA, que, apesar de se apresentar a primeira vez em público, já canta bem.

No final houve merenda para todos os actores, não faltando, porém, as prendas com que os amigos da CINCA nos quiseram contemplar.

Um obrigado a todos, na certeza de que para o ano lá estaremos para nos divertirmos um pouco mais. Até sempre!

**LIVRO «DOCTRINA»** — Mais uma edição!

Começou a faina de embalagem e expedição. Muitos dos nossos Leitores até já o têm nas mãos. É o nosso presente de Natal.

Não esqueçamos que a capa do mesmo já foi impressa na nova máquina *offset*.

Além disso, é mais um livro da nossa Editorial; e quem o quiser solicitar, que nos escreva. Estamos às vossas ordens.

«Marcelino»

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

**MÃE AFLITA** — Não há nada que mais custa do que pedir. Não há! Daí, o vicentino tem de estar atento. Tem de ser pressuroso, inventivo — deliado.

Hoje demos a mão a um caso que, não fosse a nossa discreção, seria doloroso.

Era uma Mãe aflita. Marido muito doente. Incapacitado. E que recebe uma reforma miserável.

Teve um Natal mais doce. Cristo de Nazaré no meio deles. Foi Natal. É Natal!

**INJUSTIÇA** — Ele é um sinistredo que ainda anda de muletas. Vinha solicitar a nossa mão para escrevermos uma carta. «É que desde Junho que não arrecebo nada! Olhe q'eu tenho sete filhos e a mulher... Já fui à Caixa pelo meu pé, com sacrifício... Uma menina disse que escrevesse à Presidentes».

Escrevemos, ao abrigo de determinada circular, comprometendo-se o homem a devolver seja o que for, quando (ou se) receber qualquer indemnização da companhia de seguros.

Mas o que é uma gritante injustiça é usar-se e abusar-se d'omissões deste género, sacrificando proles numerosas, na maioria gente analfabeta — os Pobres.

Não é só a injustiça que nos aflige, que nos fere. Sim, a falta de coerência de tantos senhores responsáveis que têm obrigação pública e moral de eliminar essa mazelas... é o que a gente vê!!

**PARTILHA** — Durante a última quinzena muitos Amigos se lembraram dos Pobres! Aí vai a procissão: 25 cruzeiros de S. Paulo, Brasil. Guarda, 500\$00 da assinante 7796, que nos diz:

«Recebi, hoje, o 13.º mês e não quero deixar de reparti-lo com os nossos Irmãos mais necessitados para que o Natal de um deles seja mais alegre e o meu menos triste».

Quando será que em nosso querido País haverá um tecto decente para cada família; o trabalho garantido para cada chefe; uma assistência perfeita na saúde e na velhice; e ainda uma educação eficiente e gratuita para todos os indivíduos?!

Para tanto, acho bastaria que houvesse ricos menos ricos. Então, sim, haveria Pobres menos pobres. Não falando do material bélico que vai por esse mundo fora.

Que o ano que se aproxima traga melhores perspectivas para todos nós»

É um grito d'alma.

De uma Emigrante, em Meschede, na Alemanha, 280\$00. Pelo Espelho da Moda, 500\$00 de um(a) anónimo(a). Mais 80\$00 do assinante

28850, da Parede. «Como tantos outros vos têm dito — afirma — gostaria de mandar mais. Mas, na medida das minhas possibilidades, também tenho de ajudar as Conferências de que faço parte e que lutam, certamente, como a maior parte das Conferências, com grandes dificuldades».

Uma Farmacêutica de Coimbra, que aparece de vez em quando, destina 500\$00 para os Pobres. Mais 100\$00 de Leiria e um hino a O GAIATO: «Assim que o recebo — diz esta assinante — leio-o de uma ponta à outra, dou-o a ler à minha empregada que também muito o aprecia e, por fim, vai para o consultório de meu marido, para muitas pessoas se deliciarem e... divulgarem o jornal».

Assinante 18794 com 50\$00. «Uma Avózinha de S. João da Madeira» manda 250\$00 e «sempre que puder apareço». É presença muito nossa conhecida. Senhora muito amiga, de Lisboa, comparece com 50\$00 «para a pessoa mais necessitada da Conferência Vicentina. É muito pouco, mas a nossa situação económica continua muito difícil».

Velho companheiro da Escola Mouzinho da Silveira segue com 760\$00 por arredondamento de contas. Um grande abraço! Maria Augusta, d'algueres, 200\$00. Mais 500\$00 «sufragando a alma dos meus sogros, Ana e Joaquim». Ainda no Espelho da Moda, 300\$00 pelo «43.º aniversário do nosso casamento». Anónimos! Felicidades! Mais 600\$00 da assinante 10458, de V. N. Gaia. E mais 250\$00 de um grande Amigo da rua Nove de Abril, Porto.

De Lisboa, 100\$00 expedidos no dia da Imaculada Conceição. Mais 300\$00 de Maria Amélia, que não falha. «Este mês vai mais uma migalhinha para ajuda da ceia do Natal. Desculpem, é muito pouco, mas infelizmente não vai só para aí» — acrescenta. E mais uns centos da rua Cláudio Nunes, Lisboa: «É tão pequena a minha migalha — afirma ela — que será para o que for mais preciso, pedindo a Deus que vos faça chegar às mãos muitas ajudas maiores que esta migalha».

Pela mão de D. Hortência, 500\$00. Estoril, 300\$00. Rua Matias de Albuquerque, Porto, 200\$00. Rua Pascoal de Melo, Lisboa, 50\$00: «É pouco, confesso, mas ofereço de boa vontade». Oeiras, 500\$00 do assinante 15693. Oledo, metade. E é tudo.

Por fim, retribuímos, com Amizade, votos de Santo Ano Novo.

Júlio Mendes

## Setúbal

«CIGANITO» — Ele é o «Ciganito». Eu não sei o porquê da sua vinda. Francisquito disse-mo hoje. Ele é Cigano, e o Francisquito não é. Estavam os dois na coop. Eles são dois amores, mas o Francisquito sabe melhor e ensina. É um obreiro.

«CALLI» — É o Sousa Neves. Hoje deu-me uma grande lição! A força dele é igual à minha... Ele era chefe.



da copa e sabe conduzir os que estão. E são tantos, que, às vezes, não sabemos como chamar-lhes!

O «VILA REAL» — Ele é um dos maroados. É já um nosso obreiro. Quem o conquistou?

Ele sabe e vai dando testemunho disso. Cada um dos nossos tem a sua responsabilidade e «Vila Real» sabe aperceber-se dela. Nós somos uma colmeia onde eles se ocupam.

COLHEITA DO ARROZ — Nós temos sentido o seu problema... Ele é capaz de não dar lucro, mas tem outro sabor que não os lucros do dinheiro.

A colheita fez-se com o esforço de muitos mais, como na colmeia. E quem não gosta de mel?

VISITANTES — Outro dia esteve em nossa Casa um grupo de gente que os seus Pastores acompanhavam. Eram da zona de Loures e, para nós, ficaram a ser os «salaios». Conviveram todo o dia connosco. Ficou-nos muito da sua comunhão. Venham mais vezes e tragam outros salaios.

MAIS TRES — Chegaram mais três. Um é o Henrique, que anda na escola e promete. Os outros dois, mal chegaram, fugiram. E são gaiatos cem por cento. Eu nem cheguei a saber o nome deles, mas a malta já tinha planeado dois: «Sardinha» e «Carapau»!

ALENTEJO — Há dias fui dar um passeio ao Alentejo. No regresso, o meu companheiro quis couves para plantar e fomos a uma pequena herdade. Atendeu-nos um senhor idoso. Fomos apanhar couves, pimentos e feijão. O homem, pelo que vi, tinha feito toda a sua pequena horta. Segundo ele dizia era para gasto próprio.

No fim, o meu companheiro pagou e o produto logo foi dado a um neto. Julgava eu que ele o escondia, mas não: foi dá-lo ao neto. O Alentejo que tão longe tens estado de nós que dizemos e cantamos, que és a rainha do Pão que tanto precisamos. Passemos mais vezes pelo Alentejo, e vejamos avós e netos, hortas e hortaliças.

UM PEDIDO — No nosso Lar as obras não param. Nem os serviços das oficinas as fazem parar. Agora é o campo de volei, basquete e patinagem. Eu não sei se o «Garrote» já deu fé do que falta para eles sentirem os patins a rodar, as bolas no ar, tudo a saltitar de contente. Pois se o «Garrote» ainda não pediu, peço eu: precisamos de bolas, patins e tudo o que tenhas dos teus...

UMA LIÇÃO — Os vidros da frente de refeitório estavam muito partidos. O frio fez com que fôssemos por eles à Covina. Ao carregarmos os ditos quisemos ajudar, o que logo nos foi recusado. Que não, eles é que sabem, eles é que têm a experiência. E nós aceitámos de braços cruzados e deixámos a pressa que tínhamos. Julgávamo-nos sabedores, e apanhámos uma lição: ali é que sabem lidar com o vidro. E foi desta maneira que eu respondi aos nossos, cá em Casa, para ver se algo lhes fica também, que somos frágeis como o vidro...

VENDA DE «O GAIATO» — Tenho falado com os vendedores do nosso Jornal. Eles são o pregão vivo duma Doutrina da qual recebemos tamanhas lições.

Eu tenho no meu grupo de Catequese alguns deles, que me falam e dizem da sua vida de vendedores e

da convivência com os fregueses. Aproveitei a ocasião para lhes falar de como O GAIATO começou a ser vendido no Porto, e da luta que os primeiros vendedores tiveram, mais do carinho de tantos amigos conquistados por eles.

Fizeram uma revolução e o amor veio ao de cima.

Que os nossos pequenos vendedores vejam que são flores. E que os seus fregueses os tratam como bons jardineiros.

Ernesto Pinto

## Poema de Natal

Natal é o desabrochar de flores  
Da boca de poetas cantores  
Mesmo fora da Primavera.

Natal é quando por conceitos educativos

Me liberto dos medos que crio,  
Causados pelas anormalidades  
De certas leis da sociedade,  
Para ter elegância no espírito.

Natal é o gosto de construir  
Amor paciente e profundo,  
Em casa e no trabalho,  
Com vontade de ver florir  
Nas crianças e nos adultos  
Dignidade e alegria  
No coração ocultas.

Natal é poesia real

A vitalizar horizontes  
Mutilando a escravidão  
Dos sonhos e da fantasia;  
É também dar alento  
A minh'alma destroçada,  
Fazendo ferver meu sangue  
Para continuar firmemente  
A minha difícil escalada  
Na busca de alguém  
Mais humilde e desprezada.

Natal não é só em Dezembro,  
Também quando se pratica a justiça  
Sem magoar  
A ordem são e natural  
Dum povo consciente e capaz  
A caminho do equilíbrio e da paz.

Natal é quando um homem amoroso  
Beija o rosto duma mulher  
Num acto santamente  
Poético e ardoroso...  
E para sempre unidos,  
Lado a lado lutarão  
Pelas rosas do amor, pelo pão.

Natal é no dia-a-dia,  
Quando existe alguém sorridente  
Por ver o outro feliz, contente.

Manuel Amândio

## Venda de «O GAIATO» no Norte do País

Na venda anterior ao Natal levámos a mesma quantidade de jornais. Pois não houve que chegasse para as encomendas! Os vendedores ficaram todos aborrecidos. E não foi possível aumentar a tiragem porque os nossos tipógrafos já tinham desmontado as chapas...

Pedimos desculpa.

Eu quase não pús os pés em Valongo! Outros ainda deixaram de ir a outros lados, como o «Faniqueira» que vende em Vila Nova de Gaia.

Como os senhores e as senhoras estão a ver, a última edição de O GAIATO correu muito bem. Só a falta de jornais é que estragou a festa. O que fez desanimar alguns vendedores...

O «Papagaio», às vezes, não dá rendimento... Ora como há dias esteve

# Do que nós necessitamos

Duma Maria, da Rua General Morais Sarmiento, lembrando o Dia da Mãe, 1.000\$ retirados do subsídio de férias. Quinhentos de Coimbra. J. Pinto Leitão, Lda. com a oferta de 1.000\$. De Lisboa, 1.000\$ por graça recebida. Mais 600\$, de promessa, de Águas Santas. Cem de Ana. Quinhentos do Porto, pedindo a Deus o ingresso dum dos filhos na Faculdade. Assinante 14969 com 1.000\$. Ainda por intermédio desta, 100 francos, de pessoa amiga. «Velha» assinante do Monte Estoril, tão nossa conhecida, com 100\$ mais 200\$.

Uma oferta de alguém pedindo orações pelo piloto Miguel Angelo, vítima do desastre aéreo no Funchal. Por todas as vítimas desse sinistro, erguemos já as nossas preces ao Pai.

de cama, o «Régua» mostrou bom trabalho. Num só dia, das 9 às 17 horas, conseguiu despachar 100 jornais.

Os nossos Amigos recebam um grande abraço, em especial os valonguenses, do

Carlos Manuel de Matos

Eu sou o «Riera», vendedor de Espinho. Passo lá 200 jornais mas com certas dificuldades.

Regresso ao Lar do Porto, onde os vendedores se reúnem, com 850\$00 e, às vezes, um conto de réis.

Muita gente conheceu o João, que era o vendedor na cidade antes de mim e foi ele que me ensinou esta venda em Espinho.

Perguntam-me onde está o João e eu respondo que não sei, pois saiu da Casa do Gaiato. As pessoas ficam admiradas porque não sabiam que ele já tinha ido embora.

Há outros amigos de O GAIATO que mandam cheques e a Casa, pelo seu lado, agradece; mas ficam agora a saber que muitas vezes não o faz, numa pequena parte do jornal, porque não pedem para responder e outras vezes porque o correio é muito.

O problema que me tem surgido é a propósito do problema anterior. Muita gente tem mandado cheques para a Casa e eles dizem-me:

— Então mandei um cheque para O GAIATO e não me responderam se o receberam?!

Portanto, este problema fica esclarecido.

Digo já ao pessoal de Espinho que esta venda de Natal rendeu muito.

Na Câmara Municipal uma secção juntou-se em grupo e entregaram-me dinheiro num envelope.

Tenho muito a agradecer à sr.<sup>a</sup> Emília e ao sr. Engenheiro por me terem recebido ao longo deste tempo que vendo em Espinho.

Julgo que passaram um bom Natal com essas ruas bonitas, enfeitadas com luzes da cor do arco-íris.

E agora disse tudo o que tinha a dizer sobre a minha venda. Só me falta despedir com um grande abraço para os simpatizantes espinhenses.

Henrique dos Santos Barros («Riera»)

«Porque ainda sou muito egofista, só vos entrego esta migalha» — 50\$. De S. Pedro do Sul, 150\$. De Valbom, 200\$. Do Pessoal da Sociedade Industrial de Malhas Férpos, o donativo natalício de 2.500\$. Mais um vale de 120\$, das funcionárias dos Correios do Bonfim. Dum estudante que muito nos ama, 200\$. De Viseu, 1.500\$ sendo 500\$ da venda de alhos. E 1.000\$ de Coimbra. E, mais ainda, o que depositais no Espelho da Moda ou é entregue no Lar do Porto. E a simpatia daquele casal, muito nosso, que todos os anos nos oferece o

## TRIBUNA de COIMBRA

Cont. da 1.ª pág.

muita festa. É todos os anos o dia de mais festa.

Todos os dias, já noite dentro, tenho ido regalar-me a vê-los agarrados aos acabamentos. É quase meia-noite e um grupo acabou agora de pintar um tecto. Ontem, já eu tinha dormido um sono, quando um dos serralheiros me veio perguntar qualquer coisa.

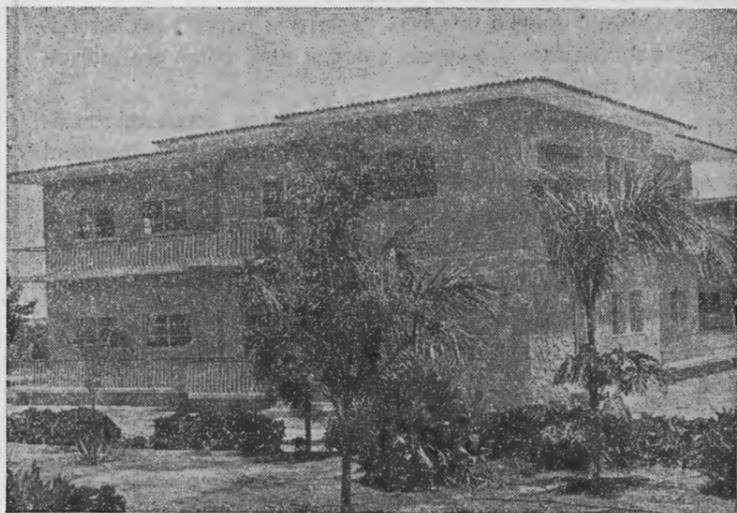
Se eu pudesse havia de gritar aos ouvidos de todos os portugueses que a economia nacional só se pode restabelecer com o trabalho de todos. Com o poupar de todos. Não bastam os empréstimos dos amigos. É necessário trabalho e ordem na nossa casa portuguesa.

Nas nossas Casas do Gaiato continua de pé a regra tradicional — «quem não trabalha, não come». Esta regra havia de dominar a sério a vida de todas as famílias portuguesas. Mas... há tantos que comem sem trabalhar!

Neste começar do Novo Ano desejamos a todos maior consciencialização de que as felicidades para todos dependem de cada um. Desejamos felicidades a todos.

Padre Horácio

Manuel Pinto



Uma casa de habitação da Casa do Gaiato de Benguela

A procissão de novos assinantes de O GAIATO está em foco.

Uns chegam pelo seu pé, com perguntas a exigir resposta. Outros pela mão de amigos e familiares. Toda uma correspondência pujante de Vida!

«É com alegria que venho comunicar que três colegas minhas querem ser assinantes de O GAIATO» — afirma uma leitora de Ilhavo. E continua: «Que a Semente lançada em cada jornal se torne em abundantes frutos. E que o Senhor nos ajude a compreendê-la para a praticarmos».

Uma Empregada doméstica, de Lisboa, confessa: «Há muito que leio O GAIATO. Compr-o à saída da Missa. Mas, agora, vou com os patrões para o Brasil e não queria deixar de o ler. Por isso, peço o favor de m'os enviarem para... Belém, do Pará».

Chegam notícias escaldantes da Beira Alta. Ouçam:

«Sou, há muito tempo, uma grande admiradora da vossa Obra».

O vosso jornal tem textos que servem para as minhas lições de português aos alunos mais velhinhos da minha escola.

Eles são temas vivos e a realidade bem triste deste País. Quantas crianças me passam pelas mãos que, tendo pais é como se os não tivessem, pois os seus maus exemplos vão mais tarde dar maus frutos.

A vossa Obra nunca a vi divulgada pelos padres da minha região. Algumas vezes lhes tenho falado nisso e a saída é pouca ou nenhuma.

Sempre pensei que o 25 de Abril trouxesse mais justiça, mas penso que isto não passou dum ilusão da minha parte.

Se os homens governassem com justiça e amor e os católicos cumprissem o Evangelho não haveria Casas do Galato.

Mando também essas (7) novas assinaturas para O GAIATO...

Os Refugiados d'África continuam a regressar em grande forma ao nosso convívio. Folgamos com a sua presença amiga!

Aguilva — Cacém: «Recentemente regressados de Moçambique, onde durante tantos anos mantivemos a assinatura de O GAIATO que muito nos consola ler, vimos rogar o favor, se for possível, reatarmos o seu envio...»

Sobreda da Caparica: «Junto envio 50\$00, agradecendo que me seja feita uma assinatura de O GAIATO».

Sou mais um refugiado de Angola que, aqui em Portugal, deseja continuar a leitura do vosso jornal».

Vilarelho: «Peço desculpa do meu grande atraso, mas as circunstâncias da vida assim o permitem. Sou uma antiga assinante de Montepuez, Moçambique, forçada a deixar aquela

terra e regressar a Portugal».

Envio 250\$00. É muito pouco, mas creiam que não posso mandar mais. Tenho tantas saudades de O GAIATO! Agradeço que m'os enviem. Quero continuar a ser assinante e a arranjar novos assinantes...»

Temos mais novos leitores de Castelo da Maia, Riachos, Sacavém, Abadia (Leiria), Avintes, Alfena (Ermesinde), Matosinhos, Guifões, Amarante, Espinhal, Minas da Panasqueira, Buarcos, Caldas de Vizela, Monte Redondo (Leiria), Perosinho (Gaia), Salgueiral de Cima (Ovar), Oldrões (Penafiel), Santo António dos Cavaleiros; um grande lote de Porto e Lisboa; mais Vandes — França; e dezoito assinaturas de vários locais do Brasil, pela mão de Padre Duarte.

Júlio Mendes

## NOTA da QUINZENA

Escrevemos nas vésperas de Natal, tendo presente o sem número de Amigos que durante todo o ano nos têm ajudado e que nesta quadra, de uma maneira especial, se têm lembrado de nós.

Na impossibilidade de a todos respondermos, aqui deixamos a certeza de que estarão presentes na nossa celebração do Natal.

A Obra da Rua é um sinal da eficiência do Amor. Vive do Amor que existe em muitos corações, que mais ou menos directamente tornam possível a sua vida. Amor que tem a sua fonte em Deus que cobre com a Sua bênção o nosso caminhar.

É para nós próprios um incentivo sempre renovado, a

confiança e amizade de tantos que em visita ou por carta se nos dirigem e nos confortam com a sua ajuda. De tantos que descobriram que a felicidade se encontra quando saímos de nós próprios e pensamos nos Outros.

Quando estas linhas chegarem às mãos dos nossos leitores um novo ano terá começado. Um ano de incerteza para os portugueses. Incerteza que tem sido gerada pelo desencontro de esforços, ou pela ausência deles. Incerteza dolorosa que magoa.

Um ano que começa deveria trazer-nos a esperança de dias cheios e vividos com alegria. Se assim não é, a culpa estará com certeza repartida por cada um de nós. O reconhecer cada um a sua parcela de culpa, seria o motor de arranque para sairmos do desencontro. Seremos capazes disso? O futuro dirá.

Continuam a bater à nossa porta muitos casos de rapazes desamparados. Muitos casos de famílias sem o suficiente para viver; de famílias desfeitas, vítimas de uma sociedade com necessidade de arrepiar caminho. Necessidade que deve ser grito dentro de nós, a fazer-nos aproveitar a vida no seu verdadeiro sentido, procurando a Paz na justiça, na construção de um ambiente mais sadio onde os jovens despertem para uma vida melhor.

A dor bate à nossa porta e venho aqui bater à porta de quem lê, para que todos fiquemos alerta e não nos deixemos adormecer no alheamento das nossas obrigações.

A Paz está prometida, mas tem como preço a Boa Vontade. Boa Vontade operante, construtiva, empenhada em servir.

O ano está a começar. É hora de acordar. A noite já basta. É preciso ensinar a quem não sabe, curar doentes, vestir

Hoje, duas cartas amigas traziam mensagem: É preciso desfazer barreiras que o novo mundo não se faz sem Homens «novos». Uma de cada lado e separadas pelos montes e por espaços de muitos e muitos quilómetros, encontraram-se no tempo, na palavra e no espírito estas notícias bem cheias de compromisso. Pais, por que esperamos? Não deixemos que o tempo passe... Que as palavras se gastem... Que o espírito envelheça. Males de omissão a fazer tanto mal! A raiz do mal.

Há poucos dias veio estar connosco um grupo de jovens do Porto, trazendo-nos coisas, canções e duas horas amigas de ocupação saudável. Tempos livres mal ocupados dão-nos grandes dores de cabeça. A quem nos prenda assim, é de agradecer. E quase ao mesmo tempo, houve quem nos prendesse de outra maneira. Dois pequenitos de S. Romão do Coronado e de família incapaz, vieram pela segunda vez bater-nos à porta, pelas mãos de alguém que os tem consigo. Ainda não foi desta que ficaram. Temos trinta miúdos a dormir num salão feito camarata e sem condições, até que a sua casa apareça reconstruída. E já nos preocupa até os efeitos que vão nascer, aquando da mudança de instalações más para as boas. Quem e muito de perto os vai acompanhar sempre e sempre, nas horas mais mortas do dia — horas de lazer e de descanso — que são as mais exigentes? Esta preocupação parece ser e é a aplicação do ditado: «preso por ter cão e preso por o não ter». É a luta do não ter e ter, porque luta do não ser e ser... E quem irá ajudar mesmo? Alguém? Os caminhos nem sempre direitos e abertos, podem abrir o vazio. Vazio de pobreza...

Agora mesmo o irmão do «Régua» veio cá para levá-lo a passar o Natal. Pediu, pediu, pediu. Não, não, não. Nunca me lembro de dizer tantas ve-

os nós e de viver a alegria do Pão-nosso-de-cada-dia comido em Paz.

Padre Abel

zes seguidas: não. Ia-me cansando e quase aborrecendo, se não visse no pedido um grito pela união da família, reduzida só a irmãos. O Natal é a Festa da Família. E eu disse que não...

Padre Moura

## CARTA de um JOVEM

«Um dia, vi que havia qualquer coisa errada no Mundo. Então, decidi subtrair-me um pouco à rodagem desta engrenagem terrível. Observei, li, ouvi e meditei. Cheguei à conclusão de que não havia só uma coisa que funcionava mal: eram milhares, milhões de peças a quem faltava óleo (amor, carinho, compreensão).

Na própria máquina essas peças eram repelidas e deitadas fora pelas outras. Estas últimas éramos e somos nós:

— És tu que estás recostado a ver TV no sofá, enquanto os pequenos ciganos dormem ao frio;

— És tu que comes no restaurante, enquanto as crianças sucumbem à fome, na guerra;

— Somos nós que fechamos os olhos, recusando ver e fingindo ignorar o problema dos gaiatos, dos ciganos, dos retornados, das crianças e jovens de todo o Mundo, afirmando a maior parte das vezes: — «Isso não é comigo»...

Irmãos, cheguei à conclusão profundamente triste. E querendo fazer alguma coisa, lutar contra isto, na tentativa de que todos os cristãos deviam estar empenhados em modificar esta sociedade corrupta.

Vosso irmão e amigo dedicado

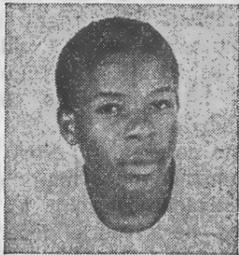
Paulo»

N. R. — O Paulo é de Coimbra. Tem só 14 anos!

Aqui fica o teu grito d'alma: «Todos os cristãos deviam estar empenhados em modificar esta sociedade corrupta».

### RETALHOS DE VIDA

## O Santiago



Caros amigos, sou natural do Lobito e vim para a Casa do Gaiato aos nove anos de idade.

Quando cheguei a nossa Casa, tive muita pena de deixar a minha mãe e os meus colegas; mas, como era indisciplinado, tive de vir!

Educaram-me e hoje sou feliz. Estou como responsável dos mais pequenos e tenho 15 anos de idade. Também sou um rapaz humilde e generoso. Dou graças aos meus irmãos mais velhos, casados e solteiros, que me educaram e ao sr. Padre Manuel que me recebeu de braços abertos e com toda a vontade porque eu era vagabundo. Mas, enfim, tudo passou.

Assim termino e desejo a todos os rapazes da Obra da Rua as maiores felicidades.

Obrigado.

Santiago

**O Gaiato**

Director: Padre Carlos      Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
 Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285  
 Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa